

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 - Antropologia Urbana

VIDA SOCIAL NA REPÚBLICA SUBTERRÂNEA: ESPAÇO PÚBLICO, SOCIABILIDADE E SEXUALIDADE NO METRÔ DE SÃO PAULO

Laura Piana Lemos¹

RESUMO

Este artigo é resultado de pesquisa bibliográfica e da investigação etnográfica realizada no ano de 2015 sobre a experiência da vida urbana em um espaço público a partir do estudo da Estação de metrô República, cidade de São Paulo. Em um primeiro momento apresento brevemente a história do metrô e da Estação em questão bem como as impressões do seu entorno (na Praça de República), seu espaço físico e a categorização dos usuários nas duas linhas que se encontram na Estação. Em seguida, exploro as regras e políticas de permanência do metrô e suas contestações pelos usuários, abordo as interações de jovens que passam e permanecem dentro da Estação por algum tempo rumo a *circuitos* de lazer e, por fim, dou destaque à incorporação da Estação na *mancha* de lazer noturno de jovens homossexuais do sexo masculino. Mostro, em conclusão, que a Estação de metrô República se trata de território vivo cuja paisagem é transformada pelo entorno, e articula tensões diversas que são características da metrópole. Além disso, aponto que a Estação de metrô reflete a histórica reivindicação de direitos LGBT que se dá ao lado de fora dela.

Palavras-Chave: Sociabilidade, Metrô, Juventude, Lazer, Sexualidade, Espaço público.

¹ Publicitária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e pós graduada em Sociopsicologia pela FESPSP. laurap.lemos@gmail.com

Introdução: vida urbana e mobilidade

Este trabalho é uma investigação de cunho etnográfico da Estação República estendendo-se o olhar do metrô como de mero artefato e não lugar (AUGÉ, 1998) para a possibilidade de algo vivo, que faz parte da cidade e onde relações sociais, usos específicos e atribuições de significados se desenvolvem.

A cidade não é equilíbrio nem acordo, é troca, é da ordem das relações. E é a partir do engajamento do olhar que os cidadãos primeiro interagem (SIMMEL apud FRÚGOLI 2007) A cidade se define pela vida que nela habita e é, desta forma, produto da natureza humana (PARK, 1967). O território urbano implica a copresença de populações distintas em termos sociais e de gênero de vida que, de alguma forma, se comprometem, se adaptam e cooperam simplesmente por estarem no mesmo espaço, assim ajustando seus comportamentos ao meio. Da mesma forma, os grupos e indivíduos se aproximam e distanciam, socializam e dessocializam, articulando ou não novas comunidades e criando tensões (JOSEPH, 2005). Esta concepção da Ecologia Urbana, fundada por Park e tomada por Joseph (2005), à sua maneira, possibilita que a urbanidade se defina e seja estudada não só como ordem espacial como também como ordem moral (JOSEPH, 2000) que ajuda a explicar como os *cidadãos* irão manejar sua aparência e atitude para indicar seu status social e proximidade ou distância de um grupo (SIMMEL apud FRÚGOLI 2007).

Nos espaços públicos, heterogêneos, aqueles de acesso livre a todos os membros de uma comunidade e onde ocorrem ajuntamentos, como uma estação de metrô, uma série de normas e regras de conduta existem para controle destes territórios (GOFFMAN 2010, apud PITANGA, 2012). Da mesma forma, indivíduos que se desconhecem compartilham destas regras e precisam alinhar seus modos a determinadas situações onde esta copresença se dá (GOFFMAN 2010, apud PITANGA, 2012).

As noções de urbanidade presentes no conceito de Ecologia Urbana remetem todo tempo ao tema da mobilidade, de que na cidade há instabilidade de movimentos que transformam espaços que, por sua vez, se recompõem no tempo pelo

deslocamento dos grupos e indivíduos (JOSEPH, 2005). Se o *citadino* é alguém que se locomove pela cidade, o movimento é parte fundamental de sua atividade (PARK, apud JOSEPH, 2000). Os meios de transporte na Ecologia Urbana são considerados ponto chave e operadores, pois proporcionam tanto a concentração, quanto a mobilidade das populações (JOSEPH, 2005), e fazem com que indivíduos participem e vivenciem diversos mundos. Eles também agem no sentido de agregar e desagregar populações, aumentando ou diminuindo permanências e intimidades com vizinhanças. Isto aponta para a importância de se pensar em meio urbano os transportes, que dirá Marc Augé (1987), apoiado nas palavras demógrafo Hervé Le Bras, “soldas” as cidades e suas extremidades, modificam a paisagem e desenham novos cenários ao cortar, contornar e fazer fluir a circulação de pessoas entre cidades e na cidade.

Partindo-se destas ideias sobre a importância dos meios de transporte para pensar urbanidade, torna-se pertinente também observar que aquilo que conecta a cidade e por onde flui a vida urbana, uma estação de metrô, contribui para a reflexão sobre a experiência da vida social na cidade.

Nesta pesquisa de caráter qualitativo entrevistei, observei e conversei com jovens em sua maioria entre 17 e 27 anos durante finais de semana entre os meses de outubro e novembro de 2015 nas dependências da Estação República. Realizei também conversas nas dependências do metrô com operadores de transporte, seguranças, um faxineiro e vendedoras de uma *bombonière*. Um funcionário do departamento de marketing também contribuiu.

A fim da estruturação do meu olhar sobre o desafio que esta pesquisa propõe, me balizo, além das noções de Ecologia Urbana, nas noções de Magnani (2002): “de longe e de fora” e “de perto e de dentro”. Para a etnografia me apoio nesta segunda, uma vez que considera os atores sociais da cidade de forma ativa e a partir de seus próprios arranjos e formas como transitam pela cidade. Também de Magnani (2002) busco os conceitos de *circuito* e *mancha* para compreender de que forma a Estação de metrô República se articula ao lazer, principalmente noturno, de determinados grupos, em especial aos grupos de jovens homossexuais do sexo masculino. Do mesmo autor abordo aqui a noção de juventude no centro urbano

focada em sua inserção na paisagem urbana “por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, além dos parceiros com quem estabelecem relações de troca” (MAGNANI, 2002, p.19) e não em suas idades ou fase na vida.

O metrô em São Paulo: Estação República e a vida social nas linhas

A Estação República é parte de uma extensa rede que por algum tempo possuía somente duas linhas: a linha azul, (inaugurada em 1972) conectando a cidade no sentido norte-sul e a linha vermelha (inaugurada 1979) na transversal conectando a cidade no sentido leste-oeste. Neste tempo se cruzavam, como até hoje, na Sé, marco zero da cidade e também referência de “imagem institucional” e “fundacional” (ARANTES, 1994, p.192) da cidade de São Paulo.

A Estação República de metrô, por sua vez, é inaugurada em 1982 também na centralidade da cidade, não distante da Sé, com a linha vermelha e ganha nova força em 2011 com a chegada da linha amarela. Ao lado de fora da Estação República, localizada oficialmente à Rua do Arouche, número 24, está a paisagem do centro comercial e histórico da cidade e a Praça da República, cenário para encontros e espaço compartilhado por públicos muito diversos. A depender do momento, podem ser vistos jovens estudantes, trabalhadores, turistas, imigrantes, travestis, grupos e casais gays, famílias tradicionais, usuários de drogas, moradores de rua (muitos alojados nas entradas da Estação) e idosos. Estes contatos ocorrem pela arquitetura de um território complexo onde se estabelecem fronteiras contraditórias e zonas simbólicas de transição (ARANTES, 1994). O que caracteriza esta diversidade na centralidade da República é sua localização entre pontos de distintos interesses da cidade: uma agitada feira de artesanatos e comidas que se realiza na praça durante o final de semana, pontos turísticos da cidade de São Paulo como edifício Copan e Teatro Municipal, equipamentos públicos como Secretaria de Educação e de Saúde, empresas de telemarketing, teatros, bares, outras praças, lojas comerciais de rua, faculdades e centros de formação técnica como Senac, entre outros. Fora isso, o local é ponto final da Parada do Orgulho Gay e referência de lazer para o público LGBT.

Se na superfície se dá o encontro de tamanha diversidade, embaixo da Praça, na Estação, também. A Estação República proporciona o encontro de dois extremos e periferias desta enorme cidade. A linha vermelha, a segunda mais antiga da rede, traz pessoas da zona leste ao centro. Já a linha amarela, a mais jovem, inaugurada em 2010 liga diretamente a zona oeste da cidade ao centro. Também pela conexão com a linha esmeralda da CPTM no Terminal Pinheiros, a linha amarela conduz até a República pessoas que vêm da zona sul ao centro da cidade e sua proximidade às Estações Paulista e Consolação (que integram linha amarela e verde) facilita o trânsito entre as linhas vermelha, azul e verde.

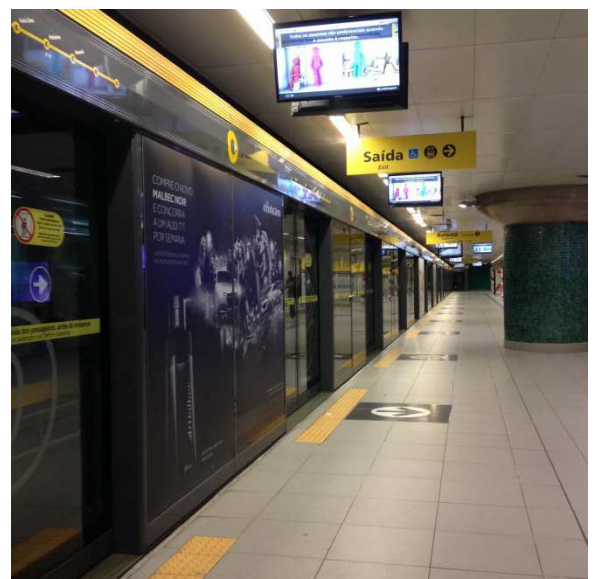
Tamanha relevância na conexão entre os pontos da cidade se reflete em seu tamanho: a Estação é uma das maiores da rede. Por seus cinco pavimentos encontram-se plataformas, escadas, grandes *halls* com lojas de alimentos, lojas de vendas de roupas e acessórios, espaços para exposições de arte, *bombonières*, *vending machines* com artigos diversos, quiosques de comercialização de imóveis. No pavimento específico que leva os usuários à rua estão mais lojas, diversas cabines de venda e recarga de bilhetes, sanitários, cabines de controle, o Museu da Diversidade, uma Delegacia de Proteção a Idosos desativada e corredores que levam a cinco saídas: Largo do Arouche, Praça da República, Barão de Itapetininga, 7 de Abril e Caetano de Campos (normalmente fechada a partir das 20h por motivos de segurança).

De todos estes espaços, mapeados após idas e vindas pela Estação nas quais me perdi inúmeras vezes, se distinguem nitidamente àqueles pertencentes à linha vermelha e os pertencentes à linha amarela. A começar pela administração, gestão e operação destas linhas que não são os mesmos. Enquanto a linha vermelha é gerida pela empresa pública Metrô, a amarela é a única operada e administrada pela empresa Consórcio Via Quatro em regime de concessão numa parceria público-privada. Esta oposição se reflete também na estética e na comunicação. Os espaços da linha vermelha são de concreto aparente, a sinalização é mais simples e o mobiliário desgastado. A plataforma é bastante estreita e o acesso ao trem é determinado por estruturas em aço que se assimilam a grades. Não há qualquer artefato tecnológico (digital) de comunicação.



Plataforma da linha vermelha.

Os espaços da linha amarela, por sua vez, são mais novos, tecnológicos e comerciais. Na plataforma grandes pilastras de pastilhas verdes, alguns assentos cromados, diversas grandes telas de LED e também pequenas televisões com comerciais e informes sobre o uso do metrô. As plataformas são mais amplas do que as da linha vermelha, as portas de entrada no trem são duplas (chamadas informalmente de “portas anti-suicídio”) e há avisos sobre fluxo do trem, sobre a presença de câmeras e campanhas sobre bom uso dos equipamentos do metrô em português e inglês. A sinalização para entrada nos espaços da linha amarela também se destaca com ares mais “modernos”: portais altos com sinalização clara e colorida.



Plataforma da linha amarela.

As distinções que faço eu *a priori* dos espaços sem detalhar como interagem com os passageiros, é sem cessar feita pelos usuários habituais que circulam por uma e outra linha. Falam sobre seus comportamentos e atitudes dentro dos trens e pelas estações, especialmente nos momentos de pico. Tais comentários de certo não se furtam à influência das características estéticas, operacionais e tecnológicas que identificam as duas linhas. Do ponto de vista de alguns passageiros a linha vermelha é “mais agressiva” e há “falta de educação” entre os usuários que encenam uma luta de sobrevivência para entrar nos trens, empurrando-se uns contra aos outros e sobrepondo pés e corpos de forma reativa, como se já aguardassem um golpe. Parecem estar mais estressados, apressados e em desespero para chegarem ao seu destino. Ao que tudo indica, a este comportamento coletivo se acostumam e a ele reagem para se adequarem ao espaço e à situação. É o que me contou Ricardo, segurança da linha vermelha e usuário das duas linhas em seu cotidiano pessoal:

- É sentimento de manada, os guinú. Você vai acostumando. Vamos supor, você vai pegar esse metrô seis meses, no primeiro mês vai levar só porrada, vão te jogar pro canto, segundo mês você vai começar a dar uns tranquinho, terceiro mês vai começar a dar umas cotoveladas pra trás pra poder entrar porque sabe que vai levar porrada, quarto mês você já tá craque, passando pelo meio de todo mundo empurrando também pra poder sentar.

-Será que essa linha é mais cheia que as outras?

- É mais cheia do que as outras sim, mas é que o pessoal acostumou com esse empurra-empurra. Por mais que venha um trem atrás do outro o pessoal [diz] tenho que ir nesse e começa a dar porrada.

As regras de sociabilidade que descreveu Ricardo sobre a linha vermelha se dão de outra forma na linha amarela. Nessa, os usuários parecem respeitar mais a etiqueta sugerida pelo metrô de reservar os assentos especiais aos respectivos públicos e de esperar que uns saiam do trem para que outros entrem. Na entrada das portas da linha amarela, que abrem e fecham mais lentamente do que as da linha vermelha, as pessoas chegam a fazer filas mais ou menos ordenadas. É uma linha aparentemente mais organizada e confortável. A partir destas observações surgem interessantes especulações sobre quem são os usuários de uma linha e

outra e porque desta forma reagem. Embora a minha leitura e a percepção de alguns usuários siga no caminho de afirmar que a situação é que influenciará os passageiros (afinal muitas vezes são os mesmos), pessoas como Thabata, de 23 anos, residente em Pirituba e que faz uso frequente das duas linhas, apontam que são as características dos passageiros que farão aquele espaço ser daquela forma, revelando a estigmatização de determinado grupo em função de sua classe social e ocupação.

- *[na linha amarela] é pessoal de escritório, tem Butantã, Faria Lima, Berrini. Você vê um pessoal mais despojado na vermelha, e sem contar que as malas, sem contar os carrinhos. Acho que são pessoas diferentes e também porque você entra no negócio e tá todo mundo te empurrando, aí você começa a ficar no clima. Na vermelha tem Tatuapé, Mooca, Pirituba, o pessoal que é da linha é muito diferente. É a pobreza.*
- *Como assim a pobreza?*
- *É que a classe muda, entendeu? Não que o pessoal do outro lado não pegue pra cá, óbvio, mas eu acho que lá é mais próxima da periferia, e aqui como é mais centro muda o público, entendeu?*
- *Mas não é muito misturado?*
- *Eu acho que é, mas você vê algum tipo diferente. Toda vez que eu fui empurrada nunca foi aqui [na linha amarela], aqui nunca tive problema. Pessoal sabe esperar. Sabe o que pode ser também? Que aqui como é mais tecnológico, mais seguro, o pessoal se controla um pouco mais.*

As falas da Thabata e do Ricardo revelam haver um grande dualismo na caracterização das duas linhas e seus passageiros. Enquanto a linha vermelha, por ter ambiente físico mais precário e ser associada diretamente à periferia, ganha ares de selvageria, a linha amarela, que passa por áreas mais nobres da cidade, ganha atributos relacionados a um espaço mais civilizado. As classificações expressam a necessidade de quem as descreve de distinção social num espaço de ajuntamentos, bem como poderia descrever Simmel sobre as atitudes dos *cidadinos* na metrópole.

A Estação República: tempos e espaços de fluxos e fixos

Para além do que ocorre entre usuários quando circulam por uma e outra linha, principalmente próximo às plataformas e dentro dos trens, parto para minha viagem etnográfica observando o cenário da Estação principalmente nos grandes espaços de circulação dos *halls* localizados no piso que dá acesso às saídas para a rua.

Num primeiro olhar, durante um sábado entre 12 e 20h, a sensação que a Estação me passa é de movimento de pessoas entrando na Estação retornando do trabalho, usuários mais ou menos apressados para lá e para cá, famílias, casais, pessoas sozinhas entretidas com seus celulares, alguns grupos de jovens com estilos muitos distintos em direção à balada que não interagem entre si. Olhares que mal parecem se cruzar. Dirá um usuário: "É um espaço cheio, mas com pessoas sozinhas que ficam no mundo delas". Parece que os usuários em copresença seguem algumas regras para se deslocarem mas não interagem focalizadamente face a face (GOFFMAN apud JOSEPH, 2000), senão por conveniência para pedirem informações, realizar compras ou pedir passagem. Isso parece ocorrer até entre aqueles que se dirigem a um momento de lazer com amigos, havendo uma sensação de que o metrô é um equipamento "corta clima". Está cada um no seu universo, numa aura de evitação e ao se cruzarem estão fechados em suas próprias ideias, fazendo balanços e recapitulando situações (AUGÈ, 1987) e, como as linhas, seguindo seu destino.

Se para Goffman (GOFFMAN apud JOSEPH, 2000) o espaço interfere na vida social como condicionante físico de interações, a orientação primeira que o metrô expressa pelo espaço construído e pelas orientações dos funcionários é de que a Estação, espaço de arquitetura fria, sem planejamento para permanências temporárias - como bancos para quem aguarda um encontro - não é espaço montado para lazer ou conversa. É fluxo. Conforme expresso em conversa travada com um segurança da linha vermelha:

- Isso aqui é uma área de transporte, não de lazer. A pessoa tem que passar aqui para chegar ao seu destino. Não é lugar de todo mundo ficar parado se esperando pra ir todo mundo embora no mesmo horário.

Assim, as orientações de conduta para usuários e também as características estruturais da Estação ajudam a modelar este comportamento que à primeira vista

pouco sai dos trilhos. Esta visão se assemelha ao que Augè (1988) irá encontrar em suas pesquisas no metrô de Paris, os quais irá afirmar que são “não lugares”.

Voltando ao meu passeio atento, à entrada da área paga está escrito em cartazes (cartazes distintos, em espaços respectivos a cada uma das administrações de linha) quais são as regras que sustentam o convívio naquele espaço. Destaca-se o que é relativo a um imperativo do fluxo e à distribuição dos usuário no espaço: não obstruir passagens, deixar nas escadas rolantes a esquerda livre, aguardar o desembarque para então embarcar nos trens, evitar aglomerações e sentar no chão. Além disso, não se pode depredar ou sujar as dependências, pedir esmolas, viajar sem bilhete válido, comercializar bens ou serviços sem autorização, causar desconforto a outros usuários, entre outras interdições.

Entretanto, ao conhecer as regras oficiais que regem o espaço e observar a experiência dos que frequentam a Estação a caminho de uma atividade de lazer, principalmente, é que percebo o quanto a acessibilidade da Estação é desafiada e foge às normas oficiais e, enfim, ao enquadramento do metrô no que apontado anteriormente. Se observada com atenção, a Estação, assim como a cidade para Park (1967, p.28), "adquire uma organização e distribuição da população que nem é projetada ou controlada." Há vida no metrô, conflitos e ressignificações.

Na minha observação o que mais salta aos olhos são as permanências temporárias. O espaço na Estação próximo às catracas, tanto do “mezanino pago”, quanto do “mezanino livre”, está repleto de pessoa que aguardam outras pessoas para juntas seguirem para um novo destino, seja embarcando no trem ou seguindo para fora da Estação. A Estação passa a ser um grande ponto de encontro planejado onde os cantos próximos às saídas das catracas são ocupados por indivíduos ora sentados ao chão, ora em pé em um recuo. Estes espaços são mais certos para o encontro e aparentemente mais seguros para o aguardo do que ao lado de fora da Estação². Para fazer com que esta espera seja menos aborrecida, boa parte das pessoas se mantém em seus celulares, muitas vezes fazendo contato com quem está a caminho ou está no destino. Percebo que a espera é

² Há inúmeros relatos de usuários do metrô e de seguranças sobre furtos dentro da estação e nas imediações externas.

ressignificada quando se dá em duplas, grupos ou quando a imaginação de quem aguarda voa na observação e curiosidade sobre quem está passando ou aguardando. É o que me contou Guilherme, 26 anos, enquanto esperava amigos para seguirem para a balada:

Eu sempre olho e penso: é gringo? Que tá mexendo no celular? Que será que tá fazendo? Eu fico olhando e pensando. Aqui tem de tudo, gays, prostitutas, atores, pode ser qualquer coisa. Você fica pré-julgando.... Nossa, que estilosa, onde será que comprou essa roupa? Aquela tá descolada. Dentro do trem eu escuto muito o que a pessoa tá falando, é interessante.

Aos poucos a Estação de metrô República não se enquadra mais na concepção de não lugar apontada por Augè (1998). Os percursos são sim coletivos, há experiências individuais, mas há também experiências coletivas que dizem sobre a interação dos grupos num mesmo espaço público, acessível a todos e abrigo de diversidades. Esta afirmação é reforçada conforme observo a forma como os passageiros se apropriam simbolicamente da Estação.

Investigando as passagens da Estação me chama a atenção o que parecem ser manifestações do próprio metrô e que contrastam com as regras de permanência, apontando para uma iniciativa de transformar e dar outros usos ao espaço público. São algumas exposições espalhadas em locais de menor circulação e distantes das plataformas, a organização da Banda dos Seguranças (que faz shows em diversas estações) e o Museu da Diversidade³, que busca dar visibilidade à questão LGBT. Pelo que consigo investigar, fazem parte do programa Linhas da Cultura, que propõe ações culturais nas estações em diversas modalidades (música, poesia, artes gráficas).

Embora eu pouco tenha avistado pessoas às voltas das exposições e também do Museu da Diversidade, algumas pessoas me contaram que as mostras não são em geral muito interessantes, mas que elas valorizam o fato de poderem pousar o olhar sobre algo diferente em meio à paisagem do metrô para desestressarem em um dia corrido. As oportunidades para parada nas exposições e visitação ao Museu se dão

³ O Museu da Diversidade surgiu num contexto de muitos crimes de homofobia, com intuito de quebrar preconceitos e dar visibilidade à questão LGBT. O Museu se caracteriza além de espaço cultural como parada para carregar celular e descansar. Em geral o público é variado, não é um espaço frequentado somente por público LGBT.

principalmente nos momentos em que o fluxo é interrompido por uma falha nas linhas ou no momento de espera como bem conclui Isabella, funcionaria do Museu da Diversidade:

... a experiência do Museu [da Diversidade] depende da experiência no metrô: quando há panes nas linhas do metrô as pessoas fazem tempo para visitar o museu, ou quando saem antes do trabalho e ficam no aguardo de outra pessoa. E tudo é baseado no tempo das pessoas, por mais clichê que seja ... as visitas são rápidas e os textos no museu são curtos.

Circuitos de lazer e juventude: ressignificações no metrô

Conforme faço visitas ao metrô nos finais de semana sei que neste período o acesso à Estação de caracteriza em muito pela busca de *circuitos* culturais⁴ e de lazer que estão à sua volta ou nas proximidades como Rua Augusta e Avenida Paulista. Este movimento é sobretudo de jovens, como contou Nelson, de 30 anos, que aguardava o namorado para dar uma volta no centro: “Aqui você vê os jovens, a molecada, mais ferveção, procurando diversão”. São exatamente os jovens que destacam que não se pode “beber, fumar, consumir drogas, andar de skate, ficar parado, sentar no chão, gritar”, como narrou Jéssica de 17 anos, enquanto dançava com um “doce⁵” (LSD) no dedo.

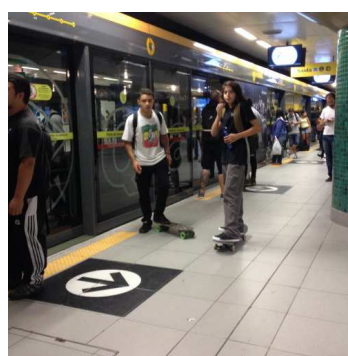
Durante o dia, muitos adolescentes circulam com skates embaixo dos braços para seguirem para pontos como Praça Roosevelt, Galeria do Rock, Teatro Municipal e Vale do Anhangabaú. Embora o próprio skate se caracterize pelo movimento e pela mobilidade, inúmeros jovens utilizam o metrô para buscar pontos na cidade que sejam propícios para a prática do esporte. São meninos e meninas silenciosos, vestindo tênis e que têm em média de 12 a 17 anos. Vêm das periferias da cidade em duplas ou sozinhos encontrar amigos que fazem nos próprios rolés. Avisto de longe em um grande *hall* uma dupla que se arrisca a andar sobre o skate, mas quando me aproximo eles já estão distantes. Estes grupos de skatistas são os que mais querem “burlar o sistema” e pular catracas, é o que me contou um dos funcionários do metrô.

⁴ Embora haja ainda, principalmente na manhã de sábado, movimento de trabalhadores e residentes.

⁵ Apontarei a partir daqui entre aspas as expressões e gírias comuns aos entrevistados.

Como em qualquer lugar eles querem quebrar as regras, se pendurar em balaústre, tudo em grupo, querem se mostrar, querem beber, ficar botando o pé no banco, aí os skatistas querem ficar andando pelo salão de skate, dentro do trem, sentar no chão.

Na opinião do funcionário com quem conversei, os skatistas são adolescentes que não trabalham e justo por isso sua atitude vale R\$3,50 (valor do bilhete não pago). Exatamente por sentir um preconceito contra os skatistas, que são tidos como pessoas que “perturbam” e “causam” nos espaços, que o Matheus, de 12 anos, me disse que só carrega o skate na mão para, em suas palavras, “não dar moral pro preconceito”.



Subindo para a proximidade das catracas quebra o silêncio um grupo de amigos que vêm da igreja e estão retornando para casa. Riem e brincam entre si e somem rapidamente pelas escadas. Outros jovens que encontro em minha caminhada estão com os olhos focados no celular na espera de um amigo para irem ao Parque Ibirapuera (a Estação é caminho para acessá-lo a partir da Rua Brigadeiro Luís Antônio, Estação Brigadeiro, linha verde) ou a um ponto cultural do centro. Vejo também muitos casais homossexuais e heterossexuais chegando para passear pelos arredores.

Todos estes jovens vêm frequentemente de extremos na cidade conectados pelas linhas de metrô e utilizam mais de um modal de transporte, fazendo uso frequentemente de ônibus e caminhada para chegarem à Estação mais próxima. Poucos residem na região central da cidade e para muitos a Estação República é frequentada somente aos finais de semana ou cruzada enquanto dentro dos vagões, não fazendo parte do trajeto diário.

Assim, nos termos de Joseph (2000) essa Estação seria parte dos "locais-movimentos da cidade", e têm relevância para se pensar a acessibilidade urbana

aos espaços. Dirá Lyn Lofland (apud JOSEPH, 2000, p.7):

Pensar a cidade não é insistir em apropriar-se ou em querer pertencer a um bairro, mas estudar os recursos urbanísticos, os equipamentos e serviços que permitem ao cidadão superar o estranhamento de um território pouco familiar e orientar-se em um "universo de estranhos".

Além disso, o metrô dá acesso à centralidade que é um “*point*”. Estação e centro são pontos de encontro entre aqueles que, se não fossem pelos redutos e espaços de lazer, talvez jamais se encontrariam. O centro em si é território onde, por ser distante de casa e haver jovens de todos os estilos, faz com que cada um se sinta à vontade para viver (ou performar) o estilo de vida que gostaria. Ademais, como dirão Júlio Simões, Isadora França e Marcio Macedo (2010), apesar de a centralidade de São Paulo se caracterizar desde a década de 1960 por transeuntes e moradores de classes populares,

“periferia” e “centro” são categorias que remetem a um imaginário que fala de mundos singulares e contrapostos, separados pelas desigualdades sociais.” (p. 45)

Conforme se aproxima a noite a Estação vai mudando de figura, não mais tão silenciosa e agora bastante povoada por jovens a caminho de lazer noturno - seja em baladas e encontros nas proximidades da Estação República ou outros locais também conhecidos pela presença de equipamentos de lazer noturno como imediações da Estação Consolação e Barra Funda. São grupos, indivíduos ou casais que habitam a Estação de forma a lhe atribuírem um clima mais festivo, risonho, sensual e de flerte. Diferentemente do que ocorre em dias da semana ou durante o dia, quem desembarca na Estação vem nitidamente com ares de coqueteria que se expressa no conjunto de modo de andar e olhar a outras pessoas e no vestuário. As pessoas parecem ter escolhido seus melhores *looks*, repletos de acessórios e caprichado nos cuidados pessoais com maquiagem, cabelo e perfume que muitas vezes se pode sentir no ar.

Nas poucas voltas que dei dentro do trem em alguns sentidos tanto da linha amarela quanto da linha vermelha, o movimento, que é bastante intenso próximo ao

horário de encerramento de funcionamento do transporte, também se caracteriza de forma muito similar. São muitos pequenos grupos com riso solto e conversa alta rumo a algum momento de lazer que começa dentro do vagão, onde parece que a preferência é por ficar em pé em uma roda para que todos possam interagir melhor.

Lazer noturno de jovens homossexuais visto da República Subterrânea

A região da República é marcada pelo lazer noturno LGBT e assim, diferentemente de outras estações, a presença deste público aqui é maior⁶. Há uma *mancha*⁷ de entretenimento associado a experiências da sexualidade que se caracteriza por áreas de prostituição de rapazes (principalmente nas imediações da Rua do Arouche), garotas e travestis (principalmente nas ruas Rego Freitas e Amaral Gurgel), “cinemões”, motéis, clubes de sexo, saunas, casas de *strip-tease* e sexo explícito, bares, baladas e praças.⁸ Embora dentro da Estação eu tenha percebido e travado breves conversas com mulheres e travestis, esse é território simbolicamente marcado muito mais pela presença de homens homossexuais.

Como os demais jovens, esses também vêm de pontos distintos⁹ da cidade e quando se encontram na Estação se cumprimentam efusivamente, muitas vezes se chamando no feminino. Tenho a sensação de que os homossexuais neste momento pré-entretenimento noturno se sentem mais à vontade e encorajados para se expressarem livremente quando estão em companhia. Já os casais se beijam e se abraçam discretamente.

⁶ Pelas conversas com usuários fico sabendo que também as estações Barra Funda, onde há muitas baladas gay, Tatuapé e Consolação são marcadas pela forte presença de homossexuais.

⁷ Cabe lembrar aqui que os primeiros estudos realizados sobre grupos homossexuais foram travados pela Escola de Chicago que os analisava sob a perspectiva de guetos. Em São Paulo, os primeiros estudos realizados sobre grupos homossexuais foram realizados por Néstor Perlongher nas décadas de 1980 e 1990 também sobre mesmo ponto de vista analítico. Hoje, conforme afirmam Simões, França e Macedo (2010) e a pesquisa de campo deste estudo confirma, na cidade de São Paulo a homossexualidade é visível de diversas formas e os direitos homossexuais afirmados para além da esfera da saúde.

⁸ Para tal mapeamento me apoiei primeiramente nos relatos dos entrevistados e em seguida em Simões, França, Macedo (2010), os quais trazem mais detalhes sobre o entorno da Estação República.

⁹ Não é possível afirmar se os entrevistados vinham mais até a República pela da linha vermelha ou amarela, entretanto posso afirmar que aqueles vindos pela linha amarela tomavam antes dela a CPTM que liga a zona sul à linha amarela pelo Terminal Pinheiros.

De modo geral, as demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo são enormemente mais notáveis na República do que em outras estações ou lugares da cidade. Isso ocorre porque, além da presença característica da comunidade LGBT nas redondezas imediatas, há uma visão generalizada por parte dos jovens de que o centro é um espaço de tolerância e aceitação de diversidade sexual em comparação à periferia e às regiões metropolitanas de onde eles vêm. Contam-me que nos locais de suas residências vêm poucos gays e não há lazer considerando este público. Já o centro é mais “cabeça aberta”, há uma diversidade de tipos e a presença maciça de homossexuais faz com que aí eles sejam os “estabelecidos” e que os demais é que tenham que se adequar à sua presença.

Ao que parece, o ditado popular “à noite todos os gatos são pardos” se presta a ilustrar o que ocorre no entretenimento noturno na República e passa pela Estação. Enquanto na periferia a luz do dia parece iluminar julgamentos morais, há uma aura marginal e de permissividade à noite no centro. Temas como bebida, prostituição e sexualidade e seus sujeitos ganham protagonismo. Em outras palavras, à noite, e sobretudo na República, é quando a homossexualidade não é vista como um “comportamento desviante”.

Desta forma, homossexuais passam a não temer agressões e discriminação nos arredores da Praça da República e também na Estação. É o que fica claro a partir da fala do Paulo, funcionário do metrô há 28 anos, quatro deles na Estação República e do Ítalo, 17 anos que vem do ABC a caminho da Casa do Seu Zé:

A grande diferença desse metrô é que eles tão ... dizer assim ... no habitat natural. Principalmente quando tão em grupo. Tem estações que tem público mais hétero de balada, aí o pessoal tem receio de preconceito e arrumar confusão. Aqui o pessoal chega, se abraça, em outras estações é só aperto de mão. Paulo.

Aqui é nosso e pelo grande público [gay] pode fazer o que quiser que não olham com cara feia. Pode fazer nossas bagunça, gritar. É coisa de gay, começa a se amostrar muito, se abre. É gay pré-balada. Lá em cima e em outros bairros é outras pessoas. Nunca se sabe se vai encontrar um skinhead [...] No centro encontra muito gay, no ABC não tem muito. As gay vem pra cá e são unidas, a outra vai acolher e defender. Ítalo.

Os jovens homossexuais que vivenciam frequentemente homofobia se sentem mais protegidos na Estação República (onde se comportam como se fosse seu “habitat natural”) não somente pela presença do grupo como pela vigilância dos seguranças que muitos notam estar em maior quantidade nesta Estação. Este sentimento contrasta com a afirmação dos próprios seguranças de que a República é uma das estações mais violentas da rede e também com a visão de muitos indivíduos que temem violência nesta Estação na forma de agressões relacionadas ao “empurra-empurra” na linha vermelha e com a inação da segurança quanto a roubos e furtos.

Como dito anteriormente, a grande maioria dos rapazes com quem conversei se deslocam da periferia para o lazer na área central à noite nos finais de semana. Eles têm idade média de 21 anos e trabalham em regiões distintas da cidade em atividades como telemarketing ou cargos auxiliares¹⁰. De metrô chegam na Estação República onde se encontram com amigos e rumam a alguma das baladas na região ou ao Arouche, “Vieira”, bares como o famoso Vermont ou, ainda, no caso dos casais, para algum lugar que vão decidir juntos assim que se encontrarem na catraca da Estação. A Estação então passa a se conectar e a fazer parte desta mancha de lazer e pode ser pensada como uma ponte entre espaço público e espaços em sua maioria privados.

De todos os destinos destaco três baladas: Casa do Seu Zé, Freedom e Danger, cada um com seus dias de maior público, o que reflete na paisagem da Estação. Fico sabendo dos “*points*” por eles e também pela Carol, vendedora atenta da loja de doces chamada “Ponto de encontro”, localizada em local privilegiado para observar as pessoas na saída para o Largo do Arouche e onde, à noite, nos finais de semana, muitos homossexuais compram pirulitos, chicletes e balas para irem para a balada ou então carregam seus celulares para poderem fazer *selfies* e trocarem contatos com quem irão conhecer. Pelo que me contaram, sei que as baladas todas contam com *dark room* e que há sempre presença de curiosos e homens mais

¹⁰ Em um dia específico em que houve uma evento na Praça Dom José Gaspar, também muito próxima à Estação, pude observar muitos homossexuais rumando à saída da Praça da República ou Sete de Abril. Estes, entretanto, diferente dos que rumam para os outros espaços de lazer noturno, não se deslocam da periferia e parecem ter maior poder aquisitivo.

velhos que “vem atrás das bichas novinhas”, bem como de travestis que são os grandes performers de atrações nas casas.

A partir das baladas que estes rapazes irão às voltas da Praça e da Estação República passo a identificar algumas expressões identitárias que os classificam. Estas manifestações têm por intensão clara fazê-los pertencer ou aproximarem-se a determinado grupo e distanciarem-se de outro, o que desperta entre eles disputas.

Os frequentadores da Casa do Seu Zé são os mais jovens (pelo que me contaram há menores de idade de até treze anos) e os que podem ser identificados rapidamente nas dependências da Estação. São frequentemente bastante afeminados¹¹, falam mais alto e estão em grupos maiores. Utilizam tênis, regatas e roupas como calças de moletom mais soltas e confortáveis para dançarem confortavelmente (mas que ainda assim ressaltam as formas corporais, pois são justas nas canelas). Não são poucos os meninos que vestem shorts muito curtos, sendo que muitos deles vêm no trem com uma roupa e se trocam no banheiro da Estação saindo para a balada com trajes mais sensuais. O estilo pessoal, que de acordo com Helena Abramo (1994, p.48 apud Simões, Lins, França 2010) "é um jeito de “dar-se a ver” em público, uma forma de encenação e comunicação” dialoga com o estilo da casa noturna para a qual rumam. A Casa do Seu Zé toca funk e é conhecida por todos pelo refrão da música da Mc Britney que diz “vai rolar putaria na casa do seu Zé”. Estilo, feminilidade, atitude, meninice, poder aquisitivo e ambiente que estes jovens rapazes frequentam são criticados por outros rapazes que se pensam mais discretos e “diferenciados”.

¹¹ Não pretendo abordar aqui a identificação de atitudes a conceitos sobre feminilidade ou masculinidade.



Michel e Júlio, frequentadores da Casa do Seu Zé.

É o que me conta Greverson, de 29 anos, morador da zona lesta, que diz não mais frequentar com regularidade as baladas da República, hoje preferindo ir para a The Week conhecida casa noturna entre o público paulistano mais elitizado e acessada por ele pela estação Barra Funda, linha vermelha.

As bichas mais novas incomodam porque causam muito. Na casa do seu Zé é putaria. Algumas bichinhas novas que começaram agora e são bem afeminadas, usam roupa de menina e maquiagem. Bem favela e humildes. Não em termos de dinheiro ou onde mora ... eu sou de São Matheus, filha, é em relação a cultura e comportamento mesmo, as pessoas são pobres de espírito, têm hábitos diferentes.

A feminilidade expressa pelo uso de maquiagem e a atitude “rebolante” frequente entre os frequentadores da Casa do Seu Zé, mas não exclusivas a eles, é a característica que parece gerar mais diferenciação entre os homossexuais. Alguns rapazes e mesmo garotas sentem que tais trejeitos são contrários ao que é ser gay, que em sua concepção se define como um ato de gostar de outro homem e não de aproximar-se esteticamente a uma figura feminina. É o que deixa claro Audrey em nossa conversa:

Eu me defino gay. Ser gay é homem que gosta de outro homem. Quando fica muito feminino você perde aquele padrão do que é ser gay, minha atração também é por homem, também sou másculo.

Em outras palavras, a identidade de alguns parece deslegitimar a de outros. A expressão pessoal de homossexuais que trocam carícias no espaço público sem hesitar ou se inibirem por olhares que possam criticá-los desperta questionamentos e julgamentos morais, entre eles mesmos, acerca do direito de expressão de cada indivíduo. Há uma fala recorrente sobre “dar-se ao respeito”¹² a partir da qual entendo que haja uma ausência de reconhecimento e aceitação do direito destes indivíduos enquanto cidadãos. Essa mesma fala, vinda de muitos homossexuais e também de funcionários da Estação, questiona movimentos que partem em defesa dos direitos LGBT, como o próprio Museu da Diversidade, e a meu ver confundem liberdade de costumes e direitos.

Acho que tinha que se respeitar. Gay em geral é muita putaria. E não precisa se vestir e se comportar como mulher. Eu acho que tem muita gente que defende muito os gays, acho desnecessário. Eles mesmos que tem que se respeitar.
Gilson, 22 anos, morador de Santo André.

Soma-se a isso então não somente o julgamento social, mas também o autojulgamento por parte dos próprios homossexuais quando refletem sobre um estigma que relaciona promiscuidade e homoerotização. Mesmo aqueles rapazes que se identificam com categorias mais femininas parecem enfrentar um conflito entre produção de identidade sexual e de gênero e afirmação pública dos mesmos. É o que transparece pela fala do Lucas, de 20 anos:

- Eu sou gay e no meu caso eu quero sim parecer uma mulher e ao mesmo tempo confundir a pessoa porque sou andrógino, o andrógino gosta de confundir.

- Tem preconceito entre os gays, os estilos, os jeitos ... ?

- Tem. Tem os mais afeminados e os mais comportados. Eu sou afeminado porque não consigo ser mais discreto, isso vem do meu eu. Não me sinto bem não usando maquiagem. Eu me considero livre, livre para todos, para a sexualidade. Sou assim em todo o lugar. Acho que pode andar de mão dada, dar beijos, eu acho que pode, claro. Também pode se vestir na maneira que quiser. Se fosse

¹² Interações e relações sexuais que ocorrem frequentemente dentro de banheiros por onde circulam homossexuais chamadas “banheirão” também parecem justificar a ausência de autorespeito e de autocuidado da comunidade homossexual. Importante ressaltar que pelo que me conta o Luiz, faxineiro da Estação, foram retirados do banheiro masculinos o mictório para inibir ocorrências de relações sexuais no recinto ou, em suas palavras “evitar que uns pegavam nas coisas dos outros”.

na minha cidade [interior de São Paulo] eu também faria porque tem que quebrar esse preconceito. Eu acho que a gente tem direito de fazer tudo. Só não faço tipo dar beijo na frente de criança.

- Como assim na frente de criança? Qual o problema?

- Eu respeito mais pelos pais delas, eles não vão gostar da imagem... uns até tapam os olhos delas para não ver.

Enquanto a análise dos frequentadores da Casa do Seu Zé despertam essas interpretações, aqueles que vão para as demais baladas ou espaços de convivência têm aparência menos homogênea e é difícil realizar uma identificação dentro da Estação de características que apontem a qual casa noturna irão. Mesmo que alguns possam ter expressões corporais e falem de forma mais afeminada, eles se distanciam dos rapazes mais jovens e de comportamento espalhafatoso. Os estilos são variados, mas é comum que sejam identificados como estilos masculinos “de moda”. Muitos utilizam calça ou bermuda jeans com a barra dobrada, boné, corrente larga, tênis ou coturno.

Aos frequentadores da casa noturna Freedom e às suas características são feitas identificações um pouco similares às da Casa do Seu Zé. Os rapazes são identificados como um pouco mais velhos, mas também afeminados e “poc-poc”, por quererem chamar atenção. Além disso, é apontado que detêm um estilo denominado “pão-com-ovo”¹³ que é tido como comum e que tem a ver com sua condição social. É o que transparece pela fala do Luiz Fernando, de 23 anos que mora no ABC Paulista, mas que frequenta a República por trabalhar em um telemarketing às voltas da Praça e já foi a muitas das baladas da região.

“Pode por aí no seu trabalho que na Freedom é muito bicha poc-poc que sai gritando e bicha pão com ovo, com atitude pobre. É tão baixo quanto Casa do Seu Zé, mas a música é eletrônica.”

Por fim, a casa noturna Danger é tida como aquela frequentada pelos homossexuais mais “discretos” e um pouco mais velhos que os demais, por volta

¹³ As categorias classificatórias “poc-poc” e “pão-com-ovo” já haviam sido identificadas na pesquisa de Simões, França, Macedo (2010) e foram reencontradas neste trabalho.

dos 25 anos. A balada é a mais cara de todas as três, custa entre R\$15 e R\$25¹⁴ e toca música eletrônica. Aí diz-se ser mais difícil o consumo de drogas e a entrada de menores, recorrente nas outras casas. Também é a única que funciona aos domingos, atraindo um público que não trabalha na segunda-feira como cabeleireiros. Aqueles que frequentam a Danger dizem que ela é “a mais alto nível”. Alguns dos que não a frequentam apontam em tom pejorativo e num ato de contraestigmatização que muitos rapazes que por lá circulam são mais “hominho” ou “aqueles gays que em casa são hétero”. De acordo com Fernando:

São assim mais metido, tem que se vestir na moda, mas não quer chamar atenção, paga de fino, mas não é. É mais discreto.”



Considerações finais: espaço público de conflitos e conquistas.

O espaço público de uma Estação tem suas especificidades como todo outro espaço de livre acesso à população, entretanto, tratando-se do metrô em São Paulo, sua primeira particularidade diz respeito ao pagamento de um bilhete para que se dê a circulação entre as linhas e cantos distintos da cidade. Esta especificidade é tanto barreira para a circulação quanto movimento que permite que novas experiências na cidade sejam exploradas. Não bastasse isso, nesse espaço público há regras determinadas que devem ser acolhidas por todos os passageiros, o que, se vê, não ocorre de maneira uniforme, fazendo os usuários ajustes comportamentais e despertando tensões.

¹⁴ Freedom custa cerca de R\$10 e Casa do Seu Zé chega a custar R\$5 com entrada antes da meia noite.

Desta forma, a Estação República de metrô, bem como uma metrópole e especialmente como São Paulo, não escapa às características fundamentais das grandes cidades. Na Estação em questão, assim como pelas linhas, há a imposição do encontro entre diferentes e o desafio de que todas as diversidades sejam aceitas e respeitadas, bem como algumas regras e normas sejam postas e desafiadas. Em outras palavras, em termos de uso, independente das características de administração das linhas que se encontram na República, o metrô é um espaço público que, constituinte da noção urbana, tem a ver com a capacidade de incorporar e absorver alteridades bem como de administrar contraposições.

Dados os comentários dos usuários e diferentes funcionários do metrô que passam e permanecem por tempos variados dentro da Estação trabalhando, aguardando amigos, trocando de roupa, visitando o Museu, realizando pequenas compras, entre outros, fica claro que a Estação é espaço onde categorizações se dão por fatores múltiplos como atitude, estilo, juventude, condição financeira e identidades relacionadas a manifestações de sexualidade. Além disso, o status social também se dá pela linha de metrô pela qual os passageiros circulam e relação entre centro e periferia. Assim, em uma só Estação se articulam questões diversas a partir de interações juvenis.

Não se pode pensar em uma linha de metrô ou uma estação como algo apartado de toda a vitalidade do meio urbano. A Estação República toma características a partir dos que por ela passam, dos *circuitos* de lazer aos quais se conecta, da mancha de lazer homossexual da qual faz parte, sendo assim única em sua paisagem. A Estação é uma representação clara do quanto o que está subterrâneo não deixa de respirar e como algo vivo e habitado produz seus próprios sistemas simbólicos, tensões e diálogo com o mundo afora.

Recordam Simões, Lins e França (2010) que a Praça da República vem desde os anos 1970 sendo palco para lutas LGBT que hoje se fortalecem com a Parada do Orgulho Gay. Assim, o exercício de cidadania que ocorre há anos na Praça vejo ocorrer também dentro do espaço público da Estação pelo fato dos homossexuais se sentirem pertencentes e protagonistas da moral do território ou mesmo

participarem da vida política questionando quais os limites para suas ações e quais os seus direitos naquele espaço. Os *cidadinos* viram cidadãos.

Quem sabe possamos pensar na experiência no transporte urbano, que coloca lado a lado pares opostos e por vezes simbolicamente distantes como centro e periferia, homossexuais e pessoas com preconceito, juventude e senhores, entre outros, como algo que ao provocar o encontro no espaço público instigue uma melhor aceitação de alteridade na cidade?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARANTES, Antonio A. A guerra dos lugares. **Cidade. Revista do patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.23. Rio de Janeiro: IPHAN, p.191-203, 1994.

AUGÉ, Marc. **El Viajero Subterráneo. Un etnólogo en el metro**. Buenos Aires, Editorial Gedisa, 1987.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade**. Venda Nova, Bertrand Editora, 1998.

FACCHINI, Regina; FRANCA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 42, p. 99-140, Jun. 2014 .

FRÚGOLI JR., H. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FRÚGOLI, Jr. Heitor. **Espaços públicos e interação social**. São Paulo, Marco Zero, 1995.

GOFFMAN, Erving. **Comportamentos em Lugares Públicos – Nota sobre a organização social dos ajuntamentos**. Petrópolis: Editora Vozes. 2010.

JOSEPH, Isaac. A escola de Chicago. **BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n 49, Rio de Janeiro, ANPOCS (entrevista concedida a Licia do Prado Valladares e Roberto Kant de Lima), p. 3-13, 2000.

JOSEPH, Isaac. **A respeito do bom uso da Escola de Chicago**. In: Valladares, L. P. (org.). *A Escola de Chicago: impactos de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte & Rio de Janeiro: Ed. UFMG/ IUPERJ, 2005 [1998], p. 91-128.

JOSEPH, Isaac. **Erving Goffman e a microssociologia**. Tradução de Cibele Saliba Rizek. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Org.) **Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto de dentro: Notas para uma etnografia urbana. **RBCS**, v.17, n.49, p. 11-29, 2002.

PITANGA, Carolina Vasconcelos. 'Resenha do livro Comportamentos em lugares públicos – Notas sobre a organização social dos ajuntamentos, de Erving Goffman (Petrópolis: Vozes, 2010)'. **RBSE**, v.11, n. 31, p. 292-297, 2012.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano** . Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 35, p. 37-78, Dec. 2010

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. SECRETARIA DOA TRANSPORTES METROPOLITANOS. **Homepage**. Disponível em:< <http://www.stm.sp.gov.br/> >. Acesso em: 3 out. 2016

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO.COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO. **Homepage**. Disponível em: < <http://www.metro.sp.gov.br/obras/linha-4-amarela/index.aspx> > Acesso em: 3 out. 2016

VIA QUATRO. **Homepage**. Disponível em: < <http://www.viaquatro.com.br/> > Acesso em: 3 out. 2016